

Meigos, actor

3-460 (Maputo) É estreado no domingo, num cinema de Hillbrow em Joanesburgo, o filme "The Line", uma co-produção anglo-sul africana (Channel 4-BBC com a Afrivision), dirigida por Brian Tilley.

Um dos principais papéis é representado por Filimone Meigos, o editor da página cultural do "Savana".

O filme foi rodado no Soweto, Mamelodi e Pretoria, e retrata a África do Sul dos dias de hoje, principalmente o conflito entre o ANC e o Inkatha.

Meigos representa Pedro, um moçambicano que chega à RAS para "desenrascar a vida", acabando por ter o papel de pacificador e, simultaneamente, de traficante de armas.

Pedro ajuda Bongani e Mpho, um casal de jovens do ANC, a encaixarem na vida da cidade (Hillbrow) e, por outro lado, cria amizade com Duma, um elemento do Inkatha.

Neste filme, que tem música cantada por Brenda Fassie, o moçambicano aparece como um "desenrascado", "esperto", cheio de arranjos na fronteira e dentro da RAS, conhecedor genuíno das guerras da região que aconselha o ANC e o Inkatha a não se guerrearem mas, ao mesmo tempo, vende uma parte das armas que alimenta o conflito sul africano.

Meigos diz que nunca tinha feito cinema na vida. E de teatro conhecia apenas o da escola. De nunca para figura de proa de uma longa-metragem, só mesmo moçambicano.

(da redacção)

10.3.94 - Medias

a minha opinião

A.1.3

DEFESA REGIONAL CONJUNTA

Carlos Cardoso

A guerra fria terminou ou estamos apenas no intervalo?

4-460 (Maputo) Mateus Ngonhamo sugeriu recentemente que as FADM poderiam servir em missões de paz da ONU. A sugestão inquietou-me.

A pergunta imediata que me ocorre é esta: as FADM estariam a ser braço da ONU ou de uma ou mais potências individuais?

As fundações das "missões de paz da ONU" parecem-me ser demasiado frágeis pois assentam no pressuposto de que a guerra fria terminou. Terminou mesmo ou estamos apenas no intervalo?

A Rússia - que tem uma economia desvairadamente gangsterizada - duplicou a sua produção de armamento. Por seu turno, Clinton já não consegue fazer mais cortes nas despesas militares. O futuro imediato poderá ser, pois, de regresso à corrida armamentista.

Há quem defenda a ideia de que precisamos de um exército de 30 000 homens. O benefício mais claramente palpável das FADM é a eliminação de dois outros exércitos, FAME e Renamo. E talvez fosse imprudência estar-se a sugerir, agora, a meio do percurso, mudanças de fundo no que já foi acordado e está em andamento.

Quanto a outros benefícios, penso no que as FADM poderão fazer, por exemplo, para impedir a paralisia rodoviária e ferroviária entre Maputo e Ressano Garcia, e policiar as nossas águas com meios baratos e eficientes. E para estes fins, talvez seja útil, logo que possível, virar as FADM para um perfil de força de intervenção rápida, reduzindo os seus efectivos à dimensão das nossas capacidades reais de comando, de gestão e de orçamento.

Para defender o país de eventuais agressores externos poderosos, temos na via diplomática uma eficiência que não temos na via militar nacional.

Os militares defendem os países contra inimigos em movimento agressivo. A diplomacia defende-os criando amizades. E a economia defende-os criando produtos de que o mundo externo necessita.

Já disse noutras alturas, e repito-o: temos uma tradição diplomática exemplar. A Frelimo foi o único movimento de libertação africano que conseguiu receber armas da China e da

URSS e, hoje, Chissano é capaz de ser o único dirigente africano a estar bem com Mandela, de Klerk... e Buthelezi. A nossa melhor defesa, portanto, reside em não nos quererem atacar.

Quais as explicações adequadas para isto? Os historiadores estarão melhor capacitados para responder à pergunta, mas adianto uma hipótese de resposta: ao longo de séculos os povos que habitaram a costa de Moçambique comerciaram entre o mar e o interior africano, transportando culturas de e para o oceano Índico; nesse processo desenvolveram uma capacidade diplomática orgânica, assente no uso sistemático do pragmatismo.

Por esta razão deveria ser o Ministério dos Negócios Estrangeiros e não o Ministério da Defesa a servir em eventuais missões de paz da ONU, cobrando à ONU preciosos milhões USD/ano. Temos na nossa capacidade diplomática uma "arma" para evitar guerras e uma enorme fonte de rendimento potencial, mas o MNE continua a ser apenas um sugador de dolares, ainda por cima incapaz de sustentar as nossas embaixas das. Temos o potencial, mas no nosso MNE já não se dorme, ressona-se.

Um assunto mais: quanto gasta cada país da África Austral a patrulhar as suas fronteiras? De um lado militares zimbabwuanos, do outro a SADF a policiar o mesmo corredor, e aí por diante. Quanto pouparíamos se o policiamento das nossas fronteiras fosse feito pelos diferentes exércitos nacionais da região sem duplicação de funções?

E quem diz policiamento de fronteiras, diz muitas outras coisas semelhantes que poderiam, a pouco e pouco, formar as bases de uma *defesa regional conjunta* de cada país da SADC.

Parece-me útil irmos pensando nesta concepção de defesa, pois quanto menor for a quantidade de exércitos na região menor será a possibilidade de recrutamento por "aliados" externos colocados nos lados opostos das guerras frias do século 21.

É que, regra geral, as guerras frias entre os grandes são feitas via guerras quentes entre os pequenos. Eles, os patrões, nós outros a carne para os seus canhões.